

07

À entrada do mês de maio, à saída da Primavera: notas para o estudo da sintaxe do romanceiro da tradición oral moderna portuguesa

Natalia de Jesus Albino Pires
Instituto Politécnico de Coimbra

Resumo_ Muito embora tenham sido dados à estampa alguns estudos sobre as especificidades da linguagem do género literário Romanceiro, constatamos que esses estudos se debruçam maioritariamente sobre aspetos como a presença e a importância das fórmulas, as inversões da ordem linear dos itens lexicais nas frases, a maior frequência de diálogo em detrimento da narração, as alternâncias de tempos verbais e o estilo. Na realidade, o estudo de aspetos relacionados com as especificidades da sintaxe do verso do romanceiro tem sido, até ao momento e que saibamos, preterido a favor do estudo das estruturas verbais simples e do estudo das estruturas formulísticas. Partindo do *incipit* português do romance *Aparição/Soldado* (La Aparición/El Quintado – IGR 0168 e 0176, respetivamente), procuraremos salientar alguns aspetos da estrutura da frase que compõe o verso de romances da tradição oral moderna portuguesa. Em particular, centraremos a nossa atenção na presença/ausência de vocativos e nos marcadores temporais, contribuindo para o estudo da língua dos romances e, simultaneamente, para o estudo da linguagem poética do género romanceiro.

Palavras-chave_ Romanceiro; sintaxe; marcadores temporais; vocativo; linguagem poética.

Sumário_ 1. Introdução. 2. Abordagens linguísticas a *corpora* de romances: posicionamentos teóricos e estado da arte. 3. Evidências sintáticas e inferências. 3.1. Da presença/ausência de vocativos. 3.2. Marcadores temporais. 3.2.1. Unidades lexicais e locuções com valor temporal. 3.2.2. Tempo Adjunto: sintagmas não obrigatórios de diferentes classes. 4. Notas finais. Referências bibliográficas.

À entrada do mês de maio, à saída da Primavera: Notes for the study of the syntax of the Portuguese modern oral-tradition romances

Abstract_ Although some studies have been published on the specificities of the language of the balladic literary genre, we found that these studies mainly focus on aspects such as the presence and importance of formulas, the inversions of the linear order of lexical items in sentences, the increased frequency of dialogue at the expense of narration, the alternations of verb tenses and on the style. In reality, the study of aspects related to the specifics of the syntax of the verse of the ballads has been, so far and as far as we know, neglected in favor of the study of simple verbal structures and the study of formulaic structures. Starting from the Portuguese *incipit* of the ballad *Aparição/Soldado* (La Aparición/El Quintado – IGR 0168 and 0176, respectively), we will seek to highlight some aspects of the sentence structure that composes the verse of ballads of the portuguese modern oral tradition. In particular, we will focus our attention on the presence/absence of vocatives and on the temporal markers, contributing to the study of the language of the ballads and, simultaneously, to the study of the poetic language of the ballad genre.

Key words_ Spanish ballads; Syntax; temporal markers; vocatif; poetic language.

Contents_ 1. Introduction. 2. Linguistic approaches to romances corpora: theoretical positions and state of the art. 3. syntactic evidence and Inferences. 3.1. On the presence/absences of vocatives. 3.2. Temporal markers. 3.2.1. Lexical units and locutions with temporal value. 3.2.2. Adjunctive tense: non-obligatory phrases of different classes. 4. Concluding remarks. References.

1.

Introdução

O género romanceiro tem merecido, sobretudo a partir do século XIX, a atenção de estudiosos de diversas partes do mundo. Nesta medida, têm sido dados à estampa estudos sobre variados aspetos inerentes a este género literário e sobre as especificidades de cada uma das ramas da tradição romancística, em particular, e da tradição pan-hispânica, em geral. Por exemplo, têm sido ressaltados aspetos temáticos, históricos e poéticos com o objetivo, entre outros, de procurar patentear os traços diferenciadores da balada ibérica face a outros géneros literários ou, ainda, com o objetivo de explicar a inter-relação que a tradição baladística ibérica estabelece com a sua congénere europeia e oriental¹.

No que ao estudo de aspetos linguísticos do romanceiro diz respeito, muito embora tenham sido dados à estampa alguns trabalhos sobre as especificidades linguísticas do género literário Romanceiro, constatamos que esses estudos possuem, sobretudo, o propósito de caracterizar a linguagem poética. Por conseguinte, debruçam-se, na sua grande maioria, sobre aspetos como a presença de fórmulas e a sua importância no plano da oratura; a maior frequência de diálogo em detrimento da narração; a presença de estruturas anafóricas, retóricas e paralelísticas; as alternâncias de tempos verbais e a relação que mantêm com os aspetos formais do romanceiro. É de salientar que uma boa parte destes trabalhos pretende evidenciar o estilo do romanceiro face a outros géneros literários e não patentear a língua dos textos ou dar conta dos traços caracterizadores da língua usada nos textos.

Como já afirmamos noutros locais (Pires, 2017; 2018), se bem que a maior parte dos aspetos formais que contribuem para a distinção e caracterização do género romancístico face a outros géneros literários se encontra descrita, os aspetos linguísticos que caracterizam o texto romancístico e o diferenciam de outros géneros literários estão aquém de ser identificados e estudados.

Esta afirmação é tão mais verdadeira quando constatamos que, apesar de já terem sido ensaiados estudos abrangentes sobre a frequência de palavras no género romanceiro², continuam a faltar estudos estatísticos longitudinais e comparativos sobre *corpora* das diferentes ramas da tradição que deem conta das especificidades linguísticas dos textos romancísticos envolvidas na construção da poética do romanceiro tradicional. O cenário é muito mais negro quando se trata da sintaxe do texto romancístico, porquanto não há publicados quaisquer estudos sobre as especificidades da estrutura sintática de romances em qualquer das ramas da tradição do romanceiro pan-hispânico³.

1 Ainda que, após mais de um século de estudos sistemáticos sobre o romanceiro, consideremos ser fundamental empreender a laboriosa tarefa de dar conta do estado da arte, este não é o escopo deste trabalho. Por isso, para informações mais pormenorizadas sugerimos, de forma transversal e sem pretensões de exaustividade, a consulta dos trabalhos de Agustín Durán, de Menéndez Pidal, de Diego Catalán, de Aurelio González, de Jesus Antonio Cid, de Carolina Micaëlis, de Pere Ferré, de Teresa Araújo, de David Pinto-Correia.

2 Destacamos aqui os trabalhos de Petersen (1976) e de Pires (2007a).

3 As aproximações à sintaxe do texto romancístico decorrem de estudos que procuram salientar que a tradição oral moderna se diferencia da tradição antiga por uma maior presença de diálogo em detrimento de momentos narrativos (Ferré, 1991) ou de estudos que pretendem evidenciar os acentos prosódicos do verso do romance (Lapesa, 1989).

Nos últimos anos, temos vindo a olhar para as especificidades linguísticas do romanceiro da tradição oral moderna portuguesa, em particular temo-nos debruçado sobre o seu léxico, procurando dar conta, em termos estatísticos, das frequências das categorias gramaticais Nome, Adjetivo, Verbo, Advérbio e Quantificador e procurando evidenciar em que medida estas categorias gramaticais e as unidades lexicais que ocorrem num *corpus* de romances da tradição oral moderna portuguesa contribuem para a construção de uma linguagem poética. Indiscutivelmente, a linguagem poética decorre de usos específicos da língua que, por sua vez, resultam das regras de concatenação dos itens lexicais permitidas pelas diferentes línguas. Se bem que a Língua Portuguesa se defina como uma língua SVO, esta admite a deslocação de constituintes de frase, tanto nos enunciados orais como escritos, com vista à ênfase de elementos e informação relevantes para a situação comunicativa⁴. Assim, parece-nos que o maior ou menor uso de, por exemplo, estratégias enunciativas como a topicalização ou estratégias de marcação de foco informacional ou vocativos contribuirá para a construção de uma linguagem poética. De igual modo, cremos que os marcadores temporais e locativos, o maior ou menor uso de subordinâncias ou coordenações e o tipo de orações mais frequente nos diferentes romances contribuirão para a consecução da linguagem poética do género romanceiro. Acreditamos, com efeito, que as especificidades da sintaxe do romanceiro terão um papel importante no constructo poético que caracteriza este género literário.

Para as reflexões apresentadas neste breve trabalho, partimos do *incipit* português de uma versão contaminada dos romances *Aparição/Soldado* (La Aparición/El Quintado⁵ – IGR 0168 e 0176, respetivamente) e procuraremos salientar alguns aspetos da estrutura da frase que compõe o verso de romances da tradição oral moderna portuguesa. Em particular, centraremos a nossa atenção na presença/ausência de vocativos e nos marcadores temporais, tentando aduzir contributos para o estudo da língua dos romances e, simultaneamente, para o estudo da linguagem poética do género romanceiro.

2.

Abordagens linguísticas a *corpora* de romances: posicionamentos teóricos e estado da arte

Este não é o espaço para darmos conta, de forma exaustiva, do estado da arte sobre abordagens linguísticas a *corpora* de romances. No que toca ao estudo de aspetos linguísticos do romanceiro, verificamos que já foram

4 As regras de concatenação dos itens lexicais e de deslocação de constituintes frásicos permitidas para a língua portuguesa diferem, obviamente, das regras de outras línguas (mesmo românicas). Para questões de pormenor sobre a topicalização e sobre a deslocação de constituintes na língua portuguesa sugerimos a consulta de Andrade (2019), Costa (1998), Duarte (1987; 1996; 2013), Kato & Raposo (2006) ou Martins e Lobo (2020). Sobre o valor expressivo da ordem de palavras nas línguas, sugerimos a consulta de, por exemplo, Freixeiro Mato (2000: 705-708). Embora faltem trabalhos de fundo sobre as especificidades linguísticas do romanceiro parece evidente a ocorrência de formas verbais em final de verso (Pires, 2007b; Szertics, 1980).

5 Na tradição oral moderna portuguesa, estes dois romances circulam maioritariamente contaminados um com o outro (Sirgado, 2017a). A contaminação é, de acordo com vários autores, um recurso dinâmico “na atualização dos romances, na conservação de fórmulas e idiosincrasias e, simultaneamente, na recriação discursiva e ideológica dos temas” (Araújo, 2005: 290). A contaminação enquanto recurso dinâmico não é o nosso objeto, sugerimos, a título de exemplo, a leitura de Salazar (1998) ou Sirgado (2017b).

dados à estampa trabalhos sobre o seu estilo⁶, sobre o seu léxico⁷, sobre alternâncias de tempos verbais⁸, sobre as variações e invariações lexicais⁹, sobre estruturas retóricas, anafóricas, paralelísticas, formulísticas e repetições¹⁰, sobre modos de apresentação do discurso e sobre estratégias de *translatio temporum*¹¹. Em particular sobre a sintaxe do texto romancístico não há quaisquer trabalhos dados à estampa¹².

Quando analisados, porém, os trabalhos editados e inéditos sobre questões linguísticas de *corpora* de romances, constatamos que os seus autores se posicionam em modelos teóricos diferentes, nem sempre consensuais, pelo que o conhecimento científico sobre as especificidades linguísticas dos textos romancísticos parece, na realidade, assistemático e disperso.

Sem pretensões de nos estendermos em considerações sobre a evolução dos estudos literários ou das metodologias de análise da língua e/ou da linguagem literária dos textos, lembramos que durante o século XX as metodologias de análise dos aspetos linguísticos dos textos implicados na construção de uma linguagem literária seguiram vários modelos: o modelo teórico da estilística; o modelo da estatística textual e o modelo teórico da análise do discurso. A definição do objeto de estudo destas disciplinas (estilística, estatística textual/linguística de *corpus* e análise do discurso) e os procedimentos metodológicos específicos de cada uma delas está, porém, longe de consenso entre os estudiosos.

O modelo teórico da estilística, sob a égide do estruturalismo, procurou evidenciar a inter-relação existente entre aspetos linguísticos e aspetos formais em diversos textos e tipologias de texto. Nesta sequência, foram publicados, durante o século XX, alguns estudos sobre o estilo do romanceiro¹³, tendo como *corpus*, sobretudo, os romances velhos. Estes estudos procuram mostrar como as unidades lexicais e a ocorrência de tempos verbais se encontram determinadas pela rima e pela métrica do verso, em particular pelas cesuras e acentos de cada hemistíquio¹⁴.

- 6 Sugerimos a consulta, entre outros, dos trabalhos de Amado (1966), Di Stefano (1979), Lapesa (1989) ou Sánchez Romeralo (1972).
- 7 Léxico de romances tem vindo a ser estudado sob diferentes prismas, havendo um conjunto de trabalhos dados à estampa e inéditos que evidenciam as suas especificidades. Uma vez que este não é o foco do nosso estudo, destacamos aqui apenas os trabalhos de Petersen (1976) ou Pires (2007a) e o projeto dirigido por Patrizia Botta que pode ser consultado em <http://cisadu2.let.uniroma1.it/glosarios/>
- 8 Sugerimos a consulta, entre outros, dos trabalhos de Mirrer (1987), Pires (2007b) ou Sziertics (1967).
- 9 O estudo da variação/invariação lexical é de suprema importância para os estudos sobre o romanceiro. A definição da maior ou menor variação lexical e do processo de variação e invariação em romances é um campo de estudo que se inter-relaciona com o estudo dos mecanismos de contaminação textual ou com o estudo das estruturas formulísticas. Para informações mais pormenorizadas, sugerimos a consulta de González (2001), Menéndez Pidal (1953) ou Nascimento (1994).
- 10 Dada a imensa bibliografia que existe sobre este tema tanto para a literatura de transmissão oral em geral como para o romanceiro em particular, sugerimos, a título de exemplo, a consulta dos trabalhos de Webber (1951) ou González (2016).
- 11 Sugerimos a consulta, entre outros, dos trabalhos de Martínez-Gil (1989) e de Ferré (1987).
- 12 Salienta-se o trabalho de Spitzer (1911) que, todavia, nunca viu tradução para uma língua românica e a comunicação, ainda inédita, de Silvia Iglesias ("Voz, acción y dramatización en el Romancero. Aproximación desde la pragmática"), no *VI Congreso Internacional Romancero*, na qual a autora propôs uma aproximação linguística, no âmbito da pragmática, a um *corpus* de textos, salientando especificidades da enunciação discursiva dos textos e correlacionando a maior presença de diálogo com maiores momentos de ação e com a ocorrência da classe gramatical verbo nos textos.
- 13 Remetemos, por isso, para a bibliografia sugerida em notas acima.
- 14 Esta questão também está interligada com a discussão que durante anos se fez, e continua a fazer, em torno do verso do romanceiro e da sua edição: hemistíquios de oito sílabas (na contagem espanhola) ou versos longos de dezasseis sílabas (na contagem espanhola).

O desenvolvimento da área da computação e o surgimento das novas áreas de estudo, a estatística textual e a linguística de *corpus*, conduziu a um modelo teórico mais centrado em dados estatísticos e menos preocupado com os aspetos formais que determinam a presença dos dados linguísticos. São exemplos destas metodologias do âmbito da estatística textual os estudos lexicométricos ou as análises factoriais de discursos de políticos ou de obras literárias com vista à delimitação das especificidades linguístico-discursivas dos enunciados¹⁵. A linguística de *corpus*, por seu turno, tentando trilhar um caminho independente, procura coletar dados que permitam abordagens e/ou estudos que, por sua vez, evidenciem probabilidades morfossintáticas, sintáticas, lexicais, semânticas ou discursivas dos conjuntos de dados. No que ao romanceiro diz respeito, os trabalhos que mais se aproximam destes campos de estudo são o de Petersen (1976) e o de Pires (2007a).

Olhando para a língua como um lugar de ação e de interação, o modelo teórico da análise do discurso tem procurado ressaltar as especificidades dos aspetos enunciativos de diferentes tipos de texto e de discurso enquanto prática social, indissociável do contexto histórico-social em que são produzidos numa língua. Nesta sequência, as abordagens ao texto/discurso propostas assentam no pressuposto da materialidade da linguagem (que encerra em si elementos de ordem ideológica, política e simbólica) e evidenciam, entre outros, a interação entre enunciator/enunciatório. Ainda que com algumas salvaguardas, os estudos dados à estampa sobre as estruturas formulísticas presentes em romances poderão ser percebidos dentro do modelo teórico da análise do discurso.

Aqui, assumimos um posicionamento teórico misto. Procurando interseções entre áreas do conhecimento, apresentamos dados estatísticos, descrevemos os dados e tentamos inferir e comprovar especificidades da sintaxe de um *corpus* de romances da tradição oral moderna portuguesa (editados entre 1828 e 1960).

3.

Evidências sintáticas e inferências

3.1. Da presença/ausência de vocativos

Em estudos comparativos de romances velhos com romances da tradição oral moderna Petersen (1972), Catalán (1982) e Ferré (1991) ressaltam que a tradição oral moderna privilegia o diálogo em detrimento de estruturas narrativas/descriptivas. Segundo Ferré (1991: 961), “em primeiro lugar, o romanceiro tradicional apresenta uma inequívoca tendência para se estruturar sob a forma de réplicas, tal como o drama; em segundo lugar, no romanceiro tradicional esta tendência desenvolveu-se autarquicamente, sendo a tradição portuguesa, de longe, a que mais plenamente assumiu esta estratégia”. De acordo com os autores, a tradição oral moderna, reintegrando muitos dos momentos narrativos presentes nos romances velhos nas falas das personagens, mantém apenas os momentos narrativos essenciais para a manutenção da fábula ou para que o texto não perca referência entre os informantes. Nesta sequência, quando analisados os diálogos estabelecidos entre as personagens em diferentes romances, um dos aspetos que mais se evidencia do ponto de vista linguístico é, efetivamente, a presença massiva de vocativos.

15 A revista eletrónica *Lexicometrica* (<http://lexicometrica.univ-paris3.fr/>) que existe desde 1997 e o encontro internacional JADT, organizado em torno das temáticas tratadas na revista, serão, talvez, os exemplos mais conhecidos deste campo de estudos.

Pese embora a falta de dados estatísticos que comprovem a presença ou ausência de vocativos em diferentes romances, de uma leitura rápida de um conjunto de romances¹⁶ da tradição oral moderna portuguesa ao acaso, constatamos que em todos eles ocorrem vocativos ora acompanhados da partícula *ó*, ora sem ela. Por outro lado, constata-se que estes vocativos ocorrem, maioritariamente, em momentos de diálogo entre as personagens intervenientes¹⁷:

–Porque não cantas, Helena, à sombra dessa noqueira? // –Como Cantarei eu, triste, como cantarei alegre? // Se meu pai já era morto, meu marido anda na guerra! // – Quanto deras, ó Helena, a quem to aqui trouxera? (*Bela Infanta*, Ferré, 2001: 16)

–Deus te salve, minha tia, na sua mesa a jantar! // –Deus te salve, meu sobrinho, tão bem me sabes falar! // – Que é dos meus cavalos, tia, que eu aqui deixei ficar? // – Os teus cavalos, sobrinho, andam na relva a pastar. (*Regresso do Navegante*, Ferré, 2001: 139)

Lá se vai o conde Ninho, seu cavalo vai banhar, // enquanto o cavalo bebe, conde Ninho está a cantar. // –Escuta, escuta, dona Ana, se queres ouvir cantar, // ou são os anjos no céu, ou é sereia no mar. // –Não são os anjos no céu, nem sereia no mar, // é o conde Ninho que comigo quer casar (*Conde Ninho*, Ferré, 2001:153)

Lá vai a dona Silvana, pelo corredor acima, // tocando numa guitarra, grande instrumento fazia. // –Tu que tens, dona Silvana? Porque choras, filha minha? // –Não choro, meu pai, não choro, que o chorar derrancaria, // de sete irmãos que nós éramos, todos sete têm família (*Conde Alarcos*, Ferré, 2001: 370)

Venhas embora, mourinho, boa seja a tua chegada, // há seis anos, vai para sete, por ti me ponho delgada. // –Outros tantos, pela senhora, eu não faço la mi barba (*O Cid defende a cidade de Valência*, Ferré, 2000b: 158)

–Tenho, mãe, que estou morrendo, que esta vida está acabada // com só três horas por minhas, e já uma meio passada (*Morte do Príncipe D. João*, Ferré, 2000b: 133-134)

–Morre, morre, ó cavalheiro, acaba de suspirar! (Ferré, 2003: 223)

–Abre-te, ó sepultura, que me quero lá meter (Ferré, 2003: 123)

Oh, ditosa da donzela, ó meu Deus, tal foram a minha! // Ela rezava o seu rosário duas e três vezes ao dia (Ferré, 2004: 350)

Independentemente de se considerar uma função sintática ou um ato de fala com valor enunciativo ou apelativo¹⁸, o vocativo é usado pelos falantes de uma língua para reter a atenção do interlocutor ou para manter

16 Que conheçamos, não há dados estatísticos ou estudos sobre a presença de vocativos em nenhuma das ramas da tradição romancística, nem sobre a relação que o vocativo mantém com as formas de tratamento.

17 Não seria possível transcrever aqui todos os exemplos presentes nas diferentes versões de romances de um tão vasto *corpus*. Optamos, por isso, por exemplificar de forma sucinta a presença de vocativos nos textos romancísticos do *corpus* analisado.

e/ou enfatizar o contacto com ele (Zwicky, 1974; González López, 2019; Nascimento, 2020). Por outro lado, é possível estabelecer uma relação entre a ocorrência do vocativo e o uso de frases imperativas, interrogativas e exclamativas. Como lembra Freixeiro Mato (2007: 73) a propósito da obra de Manuel María, “o vocativo posúe un gran potencial expressivo por poder desempeñar tanto a función apelativa ou fática, chamando o interlocutor e renovando o contacto con el, como a función expresiva ou afectiva, a pór de manifesto o sentimento do locutor con relación ao alocutário”. O vocativo transforma-se, naturalmente, num recurso expressivo recorrente no texto literário, quer se trate do texto literário escrito por um autor ou do texto literário tradicional.

Retomando os dados relativos ao *corpus* de romances, torna-se evidente que o vocativo possui um papel determinante no processo enunciativo do género romanceiro. Por um lado, o uso recorrente de vocativos no diálogo entre as personagens dos diferentes romances permite que, na diegese, o locutor prenda a atenção do alocutário (ambos os personagens), enfatizando o diálogo que estabelecem entre si e focalizando para o essencial da ação. Simultaneamente, o uso do vocativo institui um diálogo extra diegético entre personagens e ouvinte/informante, o enunciatário do texto tradicional, captando a sua atenção e tornando-o partícipe da interação dialógica mantida entre as personagens. Observadas algumas ocorrências de vocativo no romanceiro, parece-nos que os valores enunciativos e expressivos destacados por Freixeiro Mato (2007) a propósito da poesia de Manuel María se podem estender aos valores encontrados no romanceiro¹⁹.

3.2. Marcadores temporais

Adentrar no estudo da expressão do tempo em enunciados linguísticos, orais ou escritos e literários ou não, implica um percurso de revisão e cruzamento da literatura do âmbito dos estudos literários e linguísticos que não cabe neste espaço²⁰. Indiscutível é, no entanto, que em todas as línguas e em qualquer enunciado se expressa tempo: através do uso de marcadores linguísticos passíveis de discriminação e inter-relacionáveis com o momento da instanciação do discurso (oral ou escrito). Assim, como lembra Oliveira (2013: 513), a localização temporal da situação descrita numa frase, numa oração ou num discurso “estabelece-se em função de um tempo de referência, o qual pode ser o tempo da enunciação ou outro tempo linguisticamente expresso na mesma frase ou texto [ou discurso]. Por sua vez, a articulação entre o tempo da situação e o tempo de referência estabelece relações de sequencialidade (anterioridade ou posterioridade) ou de sobreposição, a qual pode ser total (simultaneidade) ou parcial”. Já Henriqueta Costa Campos chamara a atenção para a relação intrínseca que se estabelece entre o sujeito da enunciação e o tempo da enunciação e para a importância das estruturas predicativas onde as unidades lexicais adquirem significação. Segundo a autora, a significação resulta de cadeias de relações de localização abstrata (Campos, 2001: 165), correspondendo o valor temporal “a uma relação de localização entre o tempo T do enunciado e um tempo localizador, ou tempo de referência,

- 18 Lembramos, ainda que de forma sucinta porquanto não é o foco deste trabalho, a existência de diferentes posicionamentos teóricos sobre o vocativo. A discussão em torno do vocativo tem envolvido saber se se trata ou não de uma função sintática, se se trata de um ato de fala cujo valor será apenas enunciativo ou dêitico, se estará ou não exclusivamente interligado a determinadas funções da linguagem. Paradigma das discussões académicas que envolvem o vocativo é o facto de ser apresentado como uma função sintática no Dicionário Terminológico (<http://dt.dge.mec.pt/>), um material de apoio dirigido aos professores do Ensino Básico em Portugal, e na mais recente Gramática do Português como “a classificação dada, essencialmente, a formas que desempenham uma função apelativa, ou seja, que servem para chamar, interpelar ou invocar, identificando-a, a pessoa a quem o falante se dirige diretamente” (Nascimento, 2020: 2727-2728). Para informações mais detalhadas sobre diferentes perspetivas do vocativo, sugerimos, a título de exemplo, a consulta de Perret (1970), Sánchez Rei (2016), Suárez Martínez (1991).
- 19 Consideramos fundamental voltar a este tema e analisar a relação estabelecida entre o uso do vocativo e o uso de formas de imperativo, procurando aferir se também nesta tipologia de textos será possível constatar o uso do imperativo+vocativo como expressão do dinamismo da ação ou com um valor funcional de dramaticidade. Por outro lado, consideramos fundamental analisar-se, no *corpus* de romances da tradição oral moderna portuguesa editados entre 1828 e 1960, a relação estabelecida entre o uso do vocativo e as formas de tratamento/cortesia.
- 20 Sem pretendermos ser exaustivos, sugerimos a leitura dos trabalhos nucleares de, por exemplo, Barthes, Bakhtin, Benveniste, Genette, Greimas, Reichenbach, Ricoeur, Saussure, Todorov.

que, [assume] ser o tempo da enunciação” (Campos, 2001: 167).

Na língua portuguesa, a informação temporal está sempre “associada a diferentes elementos gramaticais. Alguns dos mais evidentes são as marcas temporais do verbo e as unidades lexicais de valor temporal” (Móia & Alves, 2013: 557), ou seja, um conjunto de marcadores que se incluem em diferentes classes gramaticais. Para a expressão do tempo, Móia e Alves (2013) enunciam ainda como recurso disponível na língua portuguesa o uso de predicados temporais, de sintagmas não obrigatórios de diferentes classes e o uso do encadeamento de orações autónomas.

Os marcadores temporais, quaisquer que eles sejam, são, pois, elementos fundamentais em todos os enunciados discursivos, porquanto podem “funcionar como encadeadores coesivos de fatos, concorrendo, portanto, para a progressão referencial e temática do texto” (Moura, 2016: 271) e, acrescentamos nós, do enunciado/discurso.

Seguidamente, procuramos destacar o uso de unidades lexicais de valor temporal, nomeadamente o uso de advérbios e de locuções adverbiais como marcadores temporais, e o recurso a sintagmas não obrigatórios para a expressão do tempo adjunto, designadas no âmbito dos estudos literários como estruturas formulísticas, em romances da tradição oral moderna portuguesa²¹.

3.2.1. Unidades lexicais e locuções com valor temporal

Na língua portuguesa, o valor temporal pode ser veiculado por diferentes unidades lexicais que não pertencem obrigatoriamente à mesma categoria gramatical. Nem todas as unidades lexicais que transportam um valor temporal pertencem, portanto, à tradicional classe do advérbio de tempo. Vejamos, pois, os dados estatísticos referentes à classe do advérbio e das locuções adverbiais de tempo presentes nos romances da tradição oral moderna portuguesa editados entre 1828 e 1960:

21 Consideramos que seria importante voltar, num futuro próximo, ao tema da marcação do tempo da e na enunciação porquanto não tem sido estudado no género romancístico. Saliemos, no entanto, as aproximações feitas por Chevalier (1971), Gilman (1972) e Soler Bistué (2013) que, não obstante, procuram correlacionar o recurso a determinados tempos verbais na enunciação com a manutenção ou atualização de factos históricos em romances de cariz histórico. Da análise dos dados estatísticos de Pires (2007a), verificamos que maioritariamente surgem, por ordem decrescente de percentagem, no *corpus* de romances editados entre 1828 e 1960 formas verbais no presente do indicativo, infinitivo, perfeito do indicativo, imperfeito do indicativo e imperativo. Dos dados, salienta-se também as percentagens de ocorrência de formas de participio e de gerúndio. Analisados alguns contextos de ocorrência, constatamos marcações temporais da ação através do gerúndio ou de formas de participio. Damos uns quantos exemplos do *corpus* estudado por Pires (2007a) para reiterar a necessidade de se analisar com mais acuidade a expressão do tempo da e na enunciação no romancístico: “Estando eles nestas razões, D. Isabel chegava” (*Morte do Príncipe D. João*, Ferré, 2000b: 136); “Estando naquelas palavras, seu marido ali chegou” (*Claralinda*, Ferré, 2003: 184); “Morto é o conde Nilo, a infanta já a expirar” (*O Conde Ninho*, Ferré, 2001: 149); “Paridinha de três dias, onde a queres levar?” (*Mã sagra*, Ferré, 2001: 266).

já ADV tp (1933)	dês que ADV tp (14)	comenos ADV tp (3)
logo ADV tp (610)	despois ADV tp (14)	des que ADV tp (2)
ainda ADV tp (560)	mal ADV tp (13)	enfim ADV tp (2)
agora ADV tp (502)	logo que ADV tp (11)	yá ADV tp (2)
amanhã ADV tp (405)	nunca mais ADV tp (11)	afinal ADV tp (1)
hoje ADV tp (255)	ya ADV tp (9)	amanhão ADV tp (1)
antes ADV tp (173)	mal que ADV tp (8)	assi que ADV tp (1)
sempre ADV tp (103)	ao depois ADV tp (7)	até ali ADV tp (1)
então ADV tp (95)	ora ADV tp (7)	ayer ADV tp (1)
assim que ADV tp (67)	tarde [tarde] ADV tp (7)	cedinho ADV tp (1)
ainda agora ADV tp (39)	até aqui ADV tp (6)	dentro em pouco
ontem ADV tp (39)	já hoje ADV tp (6)	des aí ADV tp (1)
antes que ADV tp (34)	tanto que ADV tp (6)	entremente ADV tp (1)
desde que ADV tp (24)	ainda hoje ADV tp (5)	já e já ADV tp (1)
cedo ADV tp (20)	depois que ADV tp (5)	jamais ADV tp (1)
até agora ADV tp (19)	ao depois ADV tp (3)	manhão ADV tp (1)
dantes ADV tp (19)	apenas ADV tp (3)	outrora ADV tp (1)
ainda ontem ADV tp (15)	até ADV tp (3)	quanto que ADV tp (1)
até que ADV tp (14)	breve ADV tp (3)	

Da análise dos dados editados por Pires (2007a) no que toca à classe dos advérbios, advérbios com valor temporal, destacam-se pelo número de ocorrências acima de 100: *já*, *logo*, *ainda*, *agora*, *amanhã*, *hoje*, *antes* e *sempre*. Com valores entre 100 e 1, destacamos os advérbios *então*, *ontem*, *cedo*, *mal*, *ora*, *tarde* e *até*. Saliendam-se, por fim, as formas hápax: *afinal*, *amanhão*, *ayer*, *cedinho*, *entremente*, *jamais*, *manhão* e *outrora*. Importa referir que no conjunto das formas hápax encontramos formas dialetais (como *amanhão*, *entremente*, *manhão*) e formas que comprovam o multilinguismo dos textos recolhidos na raia fronteiriça (*ayer*, *entremente*, *des aí*, *assi que*).

Os dados estatísticos mostram-nos o destaque que o advérbio *já* (com 1933 ocorrências) possui no *corpus*. Sem termos possibilidade de elencar todos os contextos de ocorrência desta unidade lexical no *corpus* que nos serve de base, tendo em conta os valores enunciados por Raposo (2013), podemos inferir que no romanceiro se verificarão maioritariamente ações concluídas. Em contrapartida, o advérbio *ontem* ocorre apenas 39 vezes em todo o *corpus*. Contrastando a frequência de *já* e de *ontem*, depreendemos que o tempo da ação do romanceiro da tradição oral moderna portuguesa pode não estar assente no passado. Com efeito, para compreender esta aparente contradição não podemos obliterar o que acima referimos: estamos, no caso da tradição oral moderna portuguesa, perante um conjunto de textos com tendência para se estruturar em réplicas. Nesta medida, a temporalidade terá de ser analisada e discutida tendo em linha de conta a teia de relações que se estabelece entre o tempo da enunciação dos actantes (isto é, o momento da fala das personagens), o tempo da situação (isto é, as relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade construídas em cada frase, oração representativa das falas de cada uma das personagens) e os eventos descritos/narrados.

Diríamos, no entanto, que os dados estatísticos destas unidades lexicais, sem o apoio dos contextos de ocorrência e co-ocorrência de cada uma das formas linguísticas, não nos permitem determinar com segurança a construção da significação da temporalidade no romanceiro da tradição oral moderna portuguesa.

3.2.2. Tempo Adjunto: Sintagmas não obrigatórios de diferentes classes

De acordo com Mória e Alves (2013), a função de tempo adjunto pode ser desempenhada por uma variedade de classes sintáticas. Do ponto de vista dos estudos literários e em particular no âmbito da literatura tradicional, estas classes sintáticas através das quais se expressam valores temporais correspondem, na realidade, a estruturas formulísticas. Vejamos como estas classes sintáticas/estruturas formulísticas são usadas em romances da tradição oral moderna portuguesa para marcação do tempo da situação e do tempo de referência, em palavras de Oliveira (2013), ou do tempo da ação e do da instanciação do discurso das personagens, em palavras Benveniste (2004)²²:

-Tenho, mãe, que estou morrendo, que esta vida está acabada // com só três horas por minhas, e já uma meio passada (*Morte do Príncipe D. João*, Ferré, 2000b: 133-134)

Sete noites pensa o conde, todas las sete pensara (*A traição de D. Julião*, Ferré, 2000b: 149)

Sete anos me deu leite de uma leona parida, // outros sete me deu pão do que rendia a ermida. // -Sete e sete são catorze, já podeis ganhar la vida (*Criado por um ermitão*, Ferré, 2000b: 433)

Ao cabo de sete anos, ermitão por ali ia (*Penitência do Rei D. Rodrigo*, Ferré, 2000b: 152)²³

Venhas embora, mourinho, boa seja a tua chegada, // há seis anos, vai para sete, por ti me ponho delgada. // -Outros tantos, pela senhora, eu não faço la mi barba (*O Cid defende a cidade de Valência*, Ferré, 2000b: 158)

-Amanhã pela manhã, antes que amanheça o dia // já o mouro torna a estar nas prisões que dantes tinha (*Abenámar*, Ferré, 2000b: 167)

Palavras não eram ditas, o perro para trás voltaria (*Abenámar*, Ferré, 2000b: 171)²⁴

Ainda não era manhã, à praça se foi gabar (*Aliarda*, Ferré, 2000b: 209)²⁵

Pela meia-noite, ermitão a vê-lo ia (*Penitência do Rei D. Rodrigo*, Ferré, 2000b: 151)

Era meia-noite em ponto, deitou o tiro de leva (*Batalha de Lepanto*, Ferré, 2000b: 180)

Era meia-noite quando o ladrão veio (*O cego*, Ferré, 2003: 299)²⁶

22 Dado o volume de estruturas formulísticas presentes no corpus que nos serve de base e tendo em conta o processo de variação inerente ao texto romancístico, destacamos aqui apenas um ínfimo número de exemplos de valores temporais incluídos nestes sintagmas adjuntos.

23 Esta fórmula apresenta variações como: "Ao cabo de sete meses, levava-a para sua terra" (*Brancaflor e Filomena*, Ferré, 2000b: 424); "No fim de três semanas, a casa da sogra viera" (*Brancaflor e Filomena*, Ferré, 2000b: 424); "Ao cabo de sete anos soldadinho vai para a guerra" (*O soldado*, Ferré, 2001: 186); "Ao cabo de sete anos, sete anos e um dia" (*Silvana*, Ferré, 2003: 339); "Ao cabo de nove meses seu pai bem a mirava" (*A Infanta pejada*, Ferré, 2004: 16).

24 Esta fórmula apresenta variações como: "Palavras não eram ditas, os dados vão pelos ares" (*D. Gaifeiros*, Ferré, 2000b: 228); "Palavras não eram ditas, um pajem que ia a passar" (*Conde Claros preso*, Ferré, 2000b: 390, v.14).

25 Esta fórmula ocorre em múltiplas versões e apresenta variações como: "Ainda não era dia, nem o sol estava a raiar" (*Conde Claros em hábito de frade*, Ferré, 2000b: 261); "Ainda não era bem dia, ao jogo se foi gabar" (*Conde Claros em hábito de frade*, Ferré, 2000b: 271); "Ainda não rompia o dia, já ele se andava a gabar" (*Conde Claros em hábito de frade*, Ferré, 2000b: 274).

26 Esta fórmula apresenta variações como: "meia-noite vai andada sem te viraes para mim" (*Bernal Francês*, Ferré, 2003: 128); "A meia-noite é dada, os galos a miudar" (*Bernal Francês*, Ferré, 2003: 144).

-Das dez para as onze, enquanto o rei está dormindo. // Ainda não eram as dez, Gerinaldo ao postigo (*Gerinaldo*, Ferré, 2003: 425)

Meio-dia era em ponto, quando o sol resolvia (*Flérida*, Ferré, 2004: 21)

Ao outro dia de manhã, ao jogo se foi gabar (*Conde Claros em hábito de frade*, Ferré, 2000: 251)

Lá pelo meio da noite, meus olhos deitei acima (*Infantina*, Ferré, 2004: 51)

Quando foi ao pôr da ceia, muito bem que me mirava; // lá para o meio da noite cavalheiro pedia água (*Santa Iria*, Ferré, 2004: 265)

Bem madrugava a donzela ao domingo de Manhãna (*Bem madrugava a donzela*, Ferré, 2004: 365)

Frei João se levantou numa manhã de geada (*Frei João*, Ferré, 2003: 81)²⁷

Altos vão os sete estrelas, los galos a miudar (*Conde Claros preso*, Ferré, 2000b: 397)

Manhaninha de S. João, pelas manhãs do alvor (*O prisioneiro*, Ferré, 2000b: 435)

Em Maio, era Maio, no tempo da Primavera (*O soldado*, Ferré, 2001: 183)

-Já os galos cantam, ó meu amor, vai-te (*Parto em terras longínquas*, Ferré, 2001: 315)

Já lá baixo vem o sol, já lá vem o claro dia (*Conde da Alemanha*, Ferré, 2003: 16)²⁸

Manhaninhas de S. João, pela manhã da alvorada (*A fonte clara*, Ferré, 2004: 2019)

De notar que em todos estes exemplos de estruturas formulísticas que expressam o valor de tempo em diferentes romances encontramos a confluência de recursos linguísticos: desde a presença de unidades lexicais com valor temporal como *manhã*, *domingo*, *meia-noite*, *meio-dia*, *já* ou *ainda* à presença de adjetivos numerais ou de formas lexicais com valores dêiticos em sintagmas não obrigatórios de diferentes classes.

Da análise dos exemplos transcritos, verificamos que as estruturas formulísticas expressam o transcurso do tempo da ação ou situam a ação no tempo (ou num tempo). Estas fórmulas exprimem, na realidade, vários tempos de forma indefinida: o tempo da ação e o tempo da enunciação das personagens, marcando relações de anterioridade, posterioridade ou simultaneidade dos eventos dentro da diegese. Parece-nos, desde já, de destacar o facto de os recursos linguísticos usados para a expressão do tempo não permitirem localizar com exatidão a ação e o transcurso dos eventos da narrativa e só permitirem estabelecer relações de anterioridade, posterioridade ou simultaneidade dos eventos dentro da própria diegese.

27 Este *incipit* do romance *Frei João* (IGR 0167) apresenta grande variação. Damos apenas alguns exemplos: "Frei João se levantara um dia de madrugada" (Ferré, 2003: 80); "Bem madrugada Frei João, pela manhã da alvorada" (Ferré, 2003: 83); "Aí vem Frei João, por esta manhã de geada" (Ferré, 2003: 88).

28 Este *incipit* do romance *Conde da Alemanha* (IGR 0095) apresenta grande variação. Damos apenas alguns exemplos: "Já lá vem a clara noite, já la vem o claro dia" (Ferré, 2003: 19); "Já o sol dá na vidraça, já la vem o claro dia" (Ferré, 2003: 23); "Já la vem o sol à serra, lá vem o claro dia" (Ferré, 2003: 31).

Os marcadores temporais, como acima fica dito, possuem a função de contextualizar os factos e os eventos de uma frase, oração ou discurso. Do nosso ponto de vista, no romanceiro além de marcarem as relações temporais entre o tempo da ação e o da instanciação do discurso das personagens, marcam, tal como os vocativos, a relação dialógica estabelecida entre as personagens e um interlocutor externo ao texto que é o ouvinte/informante. É esta relação dialógica entre tempos e instâncias diferenciados que permite ao ouvinte, que é simultaneamente informante, acompanhar o transcurso lógico-temporal dos eventos da diegese, dar sentido ao enunciado/texto e reproduzi-los no ato de recitação.

Creemos que o recurso a estruturas linguísticas que contribuem para a indefinição do tempo da ação (tal como acontece com a indefinição da localização da ação) é fundamental para a sobrevivência do texto junto dos informantes, uma vez que permite que em qualquer época o texto seja factível. Do nosso ponto de vista, as estruturas temporais e locativas indefinidas funcionam como um processo de presentificação que permite que o informante perceção o texto romancístico (e/ou tradicional) como sendo seu.

4.

Notas finais

O breve levantamento de vocativos conduz-nos a inferir que a sua ocorrência desempenha um papel essencial nas estruturas de enunciação do texto romancístico porquanto estabelece um diálogo intra diegético entre as personagens e, simultaneamente, extra diegético entre eventos narrados e ouvinte/informante. Creemos que esta relação dialógica intra e extra diegética é também ela uma estratégia que permite a sobrevivência do romance. Ao tornar o ouvinte e informante partícipe dos eventos narrados, a ocorrência de vocativos contribui para a assunção de que ele é o fiel depositário, guardião, do texto.

Da análise das estruturas formulísticas e dos advérbios de predicado presentes no *corpus* que nos serve de base, constatamos que para o estudo da marcação do tempo em romances da tradição oral moderna é fundamental ter em linha de conta diversos aspetos e não basta recorrer a dados estatísticos relativos à ocorrência de uma categoria gramatical do *corpus*. Recordemos que os dados estatísticos sobre a ocorrência da classe verbo nos mostram a importância da presença de determinados tempos verbais nos romances e a sua relação com a rima, ainda que esses dados estatísticos *per se* e isoladamente não nos permitam inferir relações de marcação temporal referentes aos diferentes momentos da enunciação (quer nos reportemos ao momento da enunciação da frase ou dos eventos narrados na diegese) nem às relações estabelecidas entre enunciador e enunciatário do texto tradicional. Tal acontece também com a classe dos advérbios de tempo: a partir dos dados estatísticos podemos determinar quais as opções lexicais preferenciais, mas é-nos impossível analisar a construção da temporalidade. De facto, se bem que a identificação e análise das opções lexicais nos permita intuir especificidades linguísticas do texto romancístico, um estudo exclusivamente estatístico não possibilita a identificação dos constructos significativos decorrentes da co-ocorrência de formas linguísticas na frase, oração ou discurso.

Parece-nos que os dados apresentados e os exemplos citados nos apontam algumas singularidades da sintaxe dos romances da tradição oral moderna portuguesa e sugerem caminhos exploratórios que nos permitirão confirmar ou infirmar as perceções enunciadas. Assim, com base no levantamento apresentado, cremos poder

29 Este aspeto foi já salientado por Pires (2011) a propósito das estruturas de localização presentes num *corpus* de romances.

afirmar que a presença massiva de vocativos, o recurso a unidades lexicais com valor temporal e o uso de sintagmas não obrigatórios de diferentes classes, para expressar o tempo, são constructos que contribuem para a especificidade da sintaxe do romanceiro da tradição oral moderna portuguesa.

Muito fica, no entanto, por dizer e muito há ainda para tratar sobre a especificidade da sintaxe do romanceiro da tradição oral moderna portuguesa e, em especial sobre o romanceiro, por forma a poder descrever-se o contributo que a língua e as estruturas linguísticas dão à linguagem poética deste género literário. Cremos necessário (e urgente) voltar ao tema da sintaxe do romanceiro num futuro próximo.

Referências bibliográficas

- Amado, Teresa (1966). *O Estilo do romanceiro popular português: alguns aspectos*. Dissertação para a Licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Andrade, Gustavo da Silva (2019). "Fenômenos de topicalização: o caso do alçamento de constituintes no PB", *Revista Letras*, 21/32, 43-62. Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19694/1/2016_dis_lp-chaves.pdf (Consultado em 20.06.2021).
- Araújo, Teresa (2005). "A contaminação de "Delgadinha" e "Silvana", um processo de economia da memória tradicional", *Dedalus. Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, 10, 289-307.
- Benveniste, Émile (2004) [1977]. *Problemas de Linguística General*. Vol. 2. Madrid: Siglo XXI Editores.
- Campos, Henriqueta Costa (2001). "Gramática e construção da significação". Em Fonseca, Fernanda Irene, Duarte, Isabel Margarida, & Figueiredo, Olívia (orgs.), *Actas do colóquio A Linguística na formação de professores de português*, 163-174. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Catalán, Diego (1982). "Hacia una poética del romancero oral moderno". Em Bertini, Giovanni Maria, & Bustos Tovar, Eugenio (orgs.), *Actas del Cuarto Congreso Internacional de Hispanistas*, 283-295. Salamanca: Asociación Internacional de Hispanistas & Consejo General de Castilla y León & Universidad de Salamanca.
- Chevalier, Jean-Claude (1971). "Architecture temporelle du romancero tradicional", *Bulletin Hispanique*, 73/1-2, 50-103.
- Costa, João (1998). *Word Order Variation. A Constraint-Based Approach*. Tese de Doutoramento apresentada ao Holland Institute of Generative Linguistics (HIL) / Leiden University.
- Di Stefano, Giuseppe (1979). *Romanceiro*. Madrid: Narcea.
- Duarte, Inês (1987). *A construção de topicalização no português europeu*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Duarte, Inês (1996). "A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa". Em Duarte, Inês, & Leiria, Isabel (eds.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, 327-360. Lisboa: APL & Edições Colibri.
- Duarte, Inês (2013) "Construções de Topicalização". Em Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, & Mendes, Amália (org.), *Gramática do Português*. Vol. 1, 401-428. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferré, Pere (1987). *Estratégias dramatizadoras do Romanceiro Tradicional Português*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Ferré, Pere (1991). "Algumas notas sobre a dramaticidade do Romanceiro Tradicional português". *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*, 957-967. Lisboa: Difel.

- Ferré, Pere (2000a). "Nota preliminar". Em Ferré, Pere (ed.), *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*. Vol. 1, 7-127. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferré, Pere (2000b). *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*. Vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferré, Pere (2001). *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*. Vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferré, Pere (2003). *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*. Vol. 3. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferré, Pere (2004). *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna. Versões publicadas entre 1828 e 1960*. Vol. 4. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2000). *Gramática da Lingua Galega*. Vol. 2. Vigo: Edicións A Nosa Terra.
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2007). "Enunciación e estilo na obra de Manuel María", *Madrygal – Revista de Estudios Gallegos*, 10, 67-76. Disponível em <https://revistas.ucm.es/index.php/MADR/issue/view/MADR070711> (Consultado em 15.07.2021).
- Gilman, Stephen (1972). "On romanceiro as a poetic language". Em Sigel, Razel Pincus, & Sobejano, Gonzalo (eds.), *Homenaje a Casaldueiro: crítica y poesía*, 151-160. Madrid: Gredos.
- González, Aurelio (2001). "El tesoro del Romancero: la variación. Dos ejemplos de la tradición americana". *Anales de Literatura Hispanoamericana*, 30, 53-67. Disponível em <https://revistas.ucm.es/index.php/ALHI/issue/view/ALHI010111> (Consultado em 05.04.2021).
- González, Aurelio (2016). "Fórmulas y estructuras descriptivas en el romancero viejo". *Medievalia*, 48, 71-82.
- González López, Laura (2019). *Aspectos Gramaticales del Vocativo en Español*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Complutense de Madrid.
- Kato, Mary & Raposo, Eduardo Paiva (2006). "Topicalization in European and Brazilian Portuguese". Em Camacho, José, Flores-Ferrán, Nydia, Sánchez, Liliana, Deprez, Viviane, & Cabrera, María José (orgs.), *Romance linguistics 2006 Selected papers from the 36th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)*, (New Brunswick, March-April 2006), 205-218. Amsterdam: John Benjamins.
- Lapesa, Rafael (1989). "La lengua de la poesía épica en los cantares de gesta y en el romancero". *De la Edad Media a nuestros días*, 9-28. Madrid: Gredos.
- Machado, José Barbosa (2008). "Marcadores temporais nos Evangelhos e Epístolas com suas Exposições em Romance", *Diacrítica*, 22/1, 57-71.

- Martínez-Gil, Fernando (1989). "Las inversiones de orden de palabras en el Romancero", *Hispania*, 4, 895-908.
- Martins, Ana Maria, & Lobo, Maria (2020). "Estratégias de marcação de foco: ordem dos constituintes frásicos e estruturas clivadas". Em Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, Mendes, Amália, & Andrade, Amália (orgs.), *Gramática do Português*. Vol. 3, 2617-2664. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Menéndez Pidal, Ramón (1953). *Romancero Hispánico*. Madrid: Espasa-Calpe.
- Mirrer, Louise (1987). "The characteristic patterning of romancero language: some notes on tense and aspect in the romances viejos", *Hispanic Review*, 55, 441-461.
- Móia, Telmo, & Alves, Ana Teresa (2013). "Tempo adjunto e tempo discursivo". Em Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, & Mendes, Amália (org.), *Gramática do Português*. Vol. 1, 557-581. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Moura, Heliud Luis Maia (2016). "Atividades de referência: o uso de marcadores temporais em narrativas afiliadas a lendário amazônico", *Cadernos do CNLF*, 20/1, 270-285.
- Nascimento, Bráulio (1994). "Literatura Oral: limites da variação". Em *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*, 452-462. Rio de Janeiro: Sociedade Editorial de Sergipe.
- Nascimento, M^a Fernanda Bacelar do (2020). "O Vocativo". Em Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, Mendes, Amália, & Andrade, Amália (orgs.), *Gramática do Português*. Vol. 3, 2727-2732. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Oliveira, Fátima (2013): "Tempo verbal", Em Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, & Mendes, Amália (org.), *Gramática do Português*. Vol. 1, 509-584. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Perret, Delphine (1970). "Les Appellatifs: Analyse lexicale et actes de parole". *Langages*, 17, 112-118.
- Petersen, Suzanne (1972). "Cambios estructurales en el Romancero Tradicional". Em Armistead, Samuel, & Catalán, Diego (eds.), *Actas del Primer Coloquio Internacional El Romancero en la Tradición Oral Moderna*, 167-179. Madrid: Cátedra Seminario Menéndez Pidal & Rectorado de la Universidad Complutense de Madrid.
- Petersen, Suzanne (1976). *El mecanismo de la variación en la poesía de transmisión oral: Estudio de 612 versiones del romance "La Condesita" con la ayuda de un ordenador*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Wisconsin, Madison.
- Pires, Natália Albino (2007a). *O Léxico do romanceiro da tradição oral moderna portuguesa editado entre 1828 e 1960*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Filologia da Universidade da Corunha.
- Pires, Natália Albino (2007b). "Verbos e tempos verbais nos romances carolíngios da tradição oral moderna portuguesa, editados entre 1828 e 1960". Em López Castro, Armando, & Cuesta Torre, María Luzdivina (eds.), *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval: (universidad de León, 20 al 24 de septiembre de 2005)*, 143-152. León: Universidad de León.

Pires, Natália Albino (2011). "O advérbio de lugar em romances épicos e históricos da tradição oral moderna portuguesa: para o estudo das estruturas de localização", *eHumanista: Journal of Iberian Studies*, 18, 307-315.

Pires, Natália Albino (2017/2018). "Do *Mal* aos *Males* no romanceiro da tradição oral moderna portuguesa", *Abenámar*, 2, 133-150.

Raposo, Eduardo Paiva (2013). "Advérbio e Sintagma adverbial". Em Raposo, Eduardo Paiva, Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, Mota, Maria Antónia, Segura, Luísa, & Mendes, Amália (org.), *Gramática do Português*. Vol. 2, 1569-1684. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Salazar, Flor (1998). "Contaminación o fórmula: un falso problema en el romancero tradicional". *De balada y lírica*, 323-344. Madrid: Cátedra Seminario Menéndez Pidal.

Sánchez Rei, Xosé Manuel (2016). "Aproximação geral aos marcadores discursivos de controlo de contacto". Em Sánchez Rei, Xosé Manuel, & Marques, Maria Aldina (orgs.), *As ciências da linguagem no espaço Galego-Português, diversidade e convergência*, 99-120. Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Sánchez Romeralo, Antonio (1972). "Hacia una poética de la tradición oral. Romancero y lírica: apuntes para un estudio comparativo". Em Armistead, Samuel, & Catalán, Diego (eds.), *Actas del Primer Coloquio Internacional El Romancero en la Tradición Oral Moderna*, 207-231. Madrid: Cátedra Seminario Menéndez Pidal/Rectorado de la Universidad Complutense de Madrid.

Sirgado, Ana (2017a). "O Soldado, Bernal Francês e a Aparição: a contaminação de romances como 'juego de la creación poética colectiva'". Em Alpalhão, Margarida Santos, Carreto, Carlos, & Dias, Isabel Barros, (orgs.), *O Jogo do mundo – Ensaios sobre o imaginário lúdico*, 415-432. Lisboa: Instituto de Estudos de Literatura e Tradição.

Sirgado, Ana Maria Dias (2017b). *A contaminação extrafabulística no romanceiro tradicional português editado entre 1828 e 2000*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Soler Bistué, Maximiliano A. (2013). "Hacia un concepto de tiempo en el romancero viejo castellano". *Revista de Literatura Medieval*, 25, 277-299.

Spitzer, Leo (1911). "Stilistisch-Syntaktisches aus den spanisch-portugiesischen Romanzen", *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 35, 275-308.

Suarez Martinez, Pedro-Manuel (1991). "Vocatif latin et fonction du langage", *Vita Latina*, 122, 39-45. Disponível em <https://doi.org/10.3406/vita.1991.1653>

Szertics, Joseph (1967). *Tiempo y verbo en el Romancero Viejo*. Madrid: Editorial Gredos.

Szertics, Joseph (1980). "Tiempo verbal y asonancia en el Romancero Viejo". Em Roca-Pons, Joseph (org.), *Homenaje a Don Agapito Rey*, 179-194. Bloomington: Indiana University.

Webber, Ruth House (1951). *Formulistic Diction in the Spanish Ballad*. Berkeley / Los Angeles: University of California Press.

Zwicky, Arnold (1974). "Hey, what's your name!". Em La Galy, Michael W., Fox, Robert Allen, & Bruck, Anthony (eds.), *Papers from the Tenth Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*, 787-801. Chicago: Chicago Linguistics Society.



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Carlos-Caetano Biscaíno-Fernandes, Universidade da Coruña (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
Mária Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
Mária Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciència,
Generalitat Valenciana (España)



Depósito legal/ C584/2000
ISSN/ 1576-2661
ISSN-e 2444-9121
Deseño/ Novagarda